

Ficha — Marcelismo e Guerra Colonial (1961-1974)

12.º Ano História A 3 páginas 8 exercícios

Objetivo: Relacionar a **Guerra Colonial** com o isolamento internacional e a emigração, caracterizar o **marcelismo** e a modernização dos anos 60-70 e compreender como a guerra se tornou o principal fator de crise do regime até ao 25 de Abril.

Revisão rápida

1961: o ano da rutura. Em janeiro, o assalto ao *Santa Maria* mostra a ousadia da oposição; em março começa a **guerra em Angola**; em dezembro, a União Indiana ocupa Goa, Damão e Diu, e o regime nada pode fazer. Em poucos meses, o país entra simultaneamente em guerra em África e numa crise de prestígio internacional: a **ONU** aprova resoluções contra o colonialismo português e a política de «orgulhosamente sós» torna-se o retrato de um isolamento crescente.

Frente	Início	Movimento independentista
Angola	1961	MPLA (1956), FNLA e, mais tarde, UNITA
Guiné	1963	PAIGC, de Amílcar Cabral — a frente militarmente mais eficaz
Moçambique	1964	FRELIMO (1962)

O custo da guerra. Portugal mantém mais de cem mil homens em África, com uma despesa que chega a consumir uma parte decisiva do orçamento do Estado e um número de mortos que as estimativas situam entre oito e nove mil militares ao longo de treze anos. A guerra explica também a **emigração** maciça dos anos 60 — fugir do recrutamento e procurar salários — e torna o país dependente de aliados que, ao mesmo tempo, criticam a sua política colonial: os EUA e a NATO toleram o regime por anticomunismo, mas não o defendem na ONU.

O marcelismo. Com a doença de Salazar (1968), **Marcelo Caetano** promete «evolução na continuidade»: abre o regime a uma ala reformista, liberaliza a imprensa e o ensino, aprova o Estatuto do Trabalho e reformas na educação (Veiga Simão, 1973) e lança uma política de fomento económico. Mas a **guerra continua**, a PIDE transforma-se em **DGS** (1969), a censura mantém-se e as eleições de 1969 e 1973 são ganhas sem liberdade. A «primavera marcelista» dura pouco: o Congresso de Aveiro (1973) mostra a divisão do regime e, em março de 1974, fracassa o golpe das Caldas.

A oposição e o MFA. A oposição legal concorre em 1969 (CDE e CEUD), os católicos progressistas denunciam a guerra, o movimento estudantil radicaliza-se e, nas Forças Armadas, os oficiais intermédios criam o **Movimento das Forças Armadas**. A guerra, que devia salvar o regime, tornou-se a razão da sua queda: foi a instituição que o derrubou em 1974.

Exercícios

1. Completar: a guerra começa em Angola em _____; a frente da Guiné abre-se em _____; Moçambique entra na guerra em _____; Marcelo Caetano sucede a Salazar em _____; o movimento das Caldas ocorre em _____ de 1974.

2. Verdadeiro ou falso — corrige as falsas: a) a Guerra Colonial começou em 1961, em Angola · b) o PAIGC foi o movimento independentista de Moçambique · c) a ocupação de Goa pela União Indiana reforçou o prestígio do regime · d) a emigração dos anos 60 está relacionada com a guerra · e) o marcelismo aboliu a censura e a polícia política · f) o MFA nasceu dentro das Forças Armadas.

3. Liga cada elemento: MFA · PAIGC · DGS · «evolução na continuidade» · retornados · isolamento internacional.
(i) polícia política a partir de 1969; (ii) movimento de oficiais que prepara o 25 de Abril; (iii) movimento de libertação da Guiné; (iv) fórmula política do marcelismo;
(v) condenações na ONU e falta de aliados para a guerra; (vi) portugueses que regressam das ex-colónias depois de 1975.

4. Escolha múltipla — assinala a opção correta.
a) A guerra colonial durou: (1) de 1961 a 1974 · (2) de 1945 a 1961 · (3) de 1939 a 1945.
b) O FRELIMO atuou em: (1) Angola · (2) Moçambique · (3) Cabo Verde.
c) A «primavera marcelista» caracterizou-se por: (1) abertura limitada e repressão mantida · (2) democratização plena · (3) fim da guerra.
d) O golpe das Caldas, em março de 1974: (1) derrubou o regime · (2) fracassou e precipitou o 25 de Abril · (3) restaurou Salazar.

5. Completa a tabela.

Frente	Movimento	Uma consequência para Portugal
Angola		
Guiné		
Moçambique		

6. Interpreta a fonte (paráfrase de um discurso de Marcelo Caetano, 1969): «Não podemos parar o tempo, mas também não podemos perder a alma nacional. Proponho a evolução dentro da ordem: reformas que melhorem a vida dos portugueses, sem abdicar da presença de Portugal no mundo.»
a) Que estratégia política anuncia? b) Que duas realidades são mantidas? c) Explica porque é que esta fórmula falhou.

7. Desenvolvimento (5 a 6 linhas): explica como a Guerra Colonial contribuiu para o isolamento internacional e para o desgaste do regime.

8. Síntese (3 linhas): relaciona o marcelismo com o 25 de Abril de 1974.

Soluções — Marcelismo e Guerra Colonial

12.º Ano História A Resolução completa

1. 1961 · 1963 · 1964 · 1968 · março.
2. a) V — março de 1961, no norte de Angola. b) F — o PAIGC atuou na Guiné; em Moçambique foi o FRELIMO. c) F — foi uma humilhação: perda dos territórios em semanas, sem capacidade de resposta militar. d) V — fugir ao recrutamento e procurar salários foram motivos centrais. e) F — a censura manteve-se e a PIDE deu lugar à DGS, com as mesmas funções. f) V — oficiais intermédios, muitos com experiência de guerra.
3. MFA → (ii) · PAIGC → (iii) · DGS → (i) · «evolução na continuidade» → (iv) · retornados → (vi) · isolamento internacional → (v).
4. a) (1). b) (2). c) (1) — reformas económicas e sociais limitadas, com o aparelho repressivo intacto. d) (2) — o fracasso mostrou a fragilidade do regime e acelerou a preparação do 25 de Abril.
5. Angola: MPLA, FNLA e UNITA — início da guerra e reforço do esforço militar e da despesa. Guiné: PAIGC — frente mais eficaz, com controlo de largas zonas e pressão sobre o exército. Moçambique: FRELIMO — abertura de uma terceira frente e alargamento do conflito a todo o império.
6. a) Uma **reforma controlada**: liberalizar sem democratizar, modernizar a economia e a administração mantendo o poder e a guerra. b) A ordem autoritária (censura, polícia, partido único) e a **presença colonial** em África. c) Porque as duas coisas eram incompatíveis: sem liberdade política, a modernização não gerava legitimidade; e a guerra consumia os recursos que as reformas exigiam. A «evolução» ficou sempre abaixo das expectativas que criava, e o regime perdeu simultaneamente o apoio dos conservadores e a confiança dos reformistas.
7. Resposta esperada. (1) **Isolamento**: a ONU condena o colonialismo, a União Indiana ocupa Goa (1961) e os aliados da NATO não apoiam a guerra; Portugal depende de armas e crédito sem contrapartida diplomática. (2) **Desgaste interno**: a guerra consome orçamento e homens (mais de cem mil mobilizados), provoca emigração, separa as Forças Armadas do regime e dá à oposição um argumento moral poderoso. O resultado é um país em guerra há treze anos, sem vitória possível e sem reconhecimento internacional — condição que explica a rutura de 1974.
8. Modelo — «O marcelismo tentou salvar o regime com modernização económica e reformas sociais, mas manteve a censura, a polícia política e a guerra. Ao prometer mudança sem a cumprir, **aumentou a expectativa e a frustração**: a oposição radicalizou-se, as Forças Armadas desligaram-se do poder político e o golpe das Caldas (março de 1974) expôs a fragilidade do aparelho. Um mês depois, o MFA derrubou o regime.»

Cronologia essencial

Data	Acontecimento
1961	<i>Santa Maria</i> ; início da guerra em Angola; perda de Goa, Damão e Diu
1963-1964	guerra na Guiné (PAIGC) e em Moçambique (FRELIMO)
1968	doença de Salazar; Marcelo Caetano no Governo
1969-1973	reformas limitadas; DGS; eleições sem liberdade; Congresso de Aveiro
1973	choque petrolífero; agravamento económico e social
16-03-1974	golpe das Caldas fracassa
25-04-1974	o MFA derruba o Estado Novo

Para reter: a guerra é o fio que liga tudo neste período — explica o isolamento, a emigração, a despesa, a divisão das Forças Armadas e, por fim, a queda do regime. O marcelismo é a última tentativa de sobrevivência de um autoritarismo que já não conseguia reformar-se nem vencer.